

## *A influência das cores na feitiçaria*

*PERGUNTA: — Explicam-nos certas pessoas entendidas em feitiço que as próprias cores podem ativar ou enfraquecer o ritual de enfeitiçamento, conforme é peculiar entre os africanos. Isso não será tola crendice?*

RAMATIS: — É de senso comum que todas as vibrações e impressões gravadas no éter, conforme a modulação ou frequência com que possam ser recepcionadas ou ativadas, podem transformar-se em diversos fenômenos como electricidade, cor, luz, calor, som, magnetismo, odor, onda hertziana. Todas as cousas, através do duplo etérico, estão superimpregnadas de éter-físico emanado do próprio planeta; motivo por que qualquer gesto ou movimento, fato ou pensamento, repercutem sua vibração, harmônica ou desarmonicamente, no seu campo de influência.

Em face dessa correspondência vibratória entre as coisas e seres através do fluido etérico universal, os feiticeiros utilizavam-se das vibrações das cores no exaustivo processo de enfeitiçamento coletivo, embora tal recurso fosse mais psicológico e menos técnico. Eles usavam as cores como excitadores de convergência e concentração das forças mobilizadas pelos presentes, a fim de aproveitarem a grande influência da vibração do psiquismo e até do atomismo dos objetos. Enquanto os feiticeiros tribais obtinham resultados proveitosos no seu malefício selvático, servindo-se de cores mais físicas, como o amarelo primário revigorante ou o vermelho-excitante, os magos brancos conseguiam sublimar o campo

emotivo dos presentes aos ritos de magia teúrgica ou terapêutica, mobilizando as cores balsâmicas, sedativas e agradáveis, como o azul-celeste, verdeseda ou o rosa-lilás.

*PERGUNTA: — Mas isso não seria apenas credence?*

RAMATIS: — Inúmeras lendas e credences do passado hoje são práticas científicas, embora disciplinadas por leis conhecidas da Ciência. Certas lendas, superstições e credences, quando são desvestidas das suas excrescências inúteis, revelam um mecanismo científico ou processo que se enquadra perfeitamente nos experimentos sensatos da ciência moderna.

A lenda esposada pelos índios mexicanos e praticada sob demorado cerimonial de cores excitantes, em que o milho verde era submetido a exótico ritual e depois recolhido sob determinada fase da Lua, para gerar o mofo de uso no curandeirismo da época, hoje é uma realidade científica no advento semelhante da penicilina. Sem dúvida, os laboratoristas modernos obtêm a penicilina independente de fases lunares favoráveis, sem proferir palavras mágicas ou grunhidos misteriosos. Mas a verdade é que os índios mexicanos já conheciam tal propriedade terapêutica do mofo e obtinham os mesmos resultados, malgrado nada saberem da técnica da ciência atual.

Os acadêmicos sorriam ceticamente dos antigos lavradores, que para livrarem-se dos parasitas das couves usavam cascas de ovo enfiadas em paus e distribuídas pelo terreno lavrado. No entanto, mais tarde verificaram que as borboletas, atraídas pela alvura das cascas, ali punham ovos, mas as larvas, não podendo equilibrar-se na sua superfície lisa, caíam e morriam sem terem efetuado a postura direta sobre as couves. A lendária trepanação que os silvícolas praticavam na cabeça do enlouquecido, para fazer “sair o Diabo” que o maltratava, hoje é fundamento científico no tratamento de certo tipo de alienação mental da moderna Psicocirurgia de lobotomia pré-frontal, descoberta e praticada pelo médico português Egas Moniz. Trata-se da aplicação de uma agulha oca e uma faca sem corte, no rompimento dos neurônios, entre o tálamo e o lobo pré-frontal, a fim de eliminar angústias, fobias, raivas e crises obsessivas.

Certas cores usadas em cerimônias exóticas dos povos primitivos, em que o vermelho e o amarelo simbolizavam os elementos da natureza e conseguiam excitar os presentes e os dançarinos, até levá-los a uma histeria coletiva, hoje são objeto de cuidadoso estudo nos seus efeitos cromoterápicos sobre o sistema nervoso e endócrino.<sup>1</sup>

*PERGUNTA: — Naturalmente, isso seria apenas sugestão psicológica. Não é?*

RAMATIS: — As cores fascina e influem nos seres humanos, variando apenas quanto à sensibilidade psíquica de cada criatura, pois, além de sua repercussão propriamente física, elas também atuam despertando novas disposições mentais e emotivas, agradáveis ou desagradáveis, excitantes ou depressivas.

A civilização ainda conserva os seus “tabus” no uso das cores e conhece, subjetivamente, os seus efeitos psíquicos, pois enquanto prefere o preto para o luto, o roxo para a mortalha ou enfeites de caixões de defuntos, elege o branco para o traje de noiva, das crianças, na primeira comunhão e quaisquer festividades que simbolizam o expluir sadio da vida! As cores traem o temperamento e a alma dos povos, pois as nações mais belicosas ostentam o vermelho na confecção de suas bandeiras, enquanto países sem ambições guerreiras, como o Brasil, revestem o seu pavilhão nacional apenas com o verde, amarelo, azul e branco, num admirável simbolismo identificador da esperança, intuição, fraternidade e paz!<sup>2</sup>

*PERGUNTA: — Que dizeis dos povos selvagens, que usavam certas cores para espantar os espíritos?*

---

1 — Vide o capítulo “Medicina”, na obra *A Vida no Planeta Marte*, de Ramatis; idem, capítulos “Escola e Educação” e “Religião”, onde se verificam várias aplicações de cores aprimorando o sentimento e o pensamento marciano.

2 — Há um excelente e esotérico trabalho sobre a bandeira brasileira de autoria da Sr<sup>a</sup> Hilda Leite de MacGuire, 6100 Camron, Box 590-APO — San Francisco 96.323, USA, em que se verifica, realmente, a extraordinária combinação das cores e símbolos, a retratar a missão do Brasil no mundo! Esse magnífico trabalho pode ser solicitado à Sra Iracy Leite de Almeida, Caixa Econômica Federal de Pernambuco, Av. Guararapes — Recife, Pernambuco.